

O retiro uruguaio do fazendeiro...

por Paulo Totti
de Durazno

(Continuação da 1ª página)

fazenda de Brizola. Cinquenta quilômetros adiante, em Villa del Carmen (3 mil habitantes, uma praça com igreja e delegacia, freiras dando aulas de ginástica a alunos da escola pública), Brizola é ainda mais popular. No Centro Democrático, um clube recreativo, com salão de jogos e restaurante com "parrillada" aos domingos — um cartaz de Brizola atrás do balcão, com o letreiro "Rumo ao Planalto" — consegue-se saber até quantas curvas tem a estrada de terra que a partir dali conduz ao "Repecho".

Hélio Fontoura diz que Brizola passa os dias no telefone de magneto — tem de chamar a telefonista em Durazno e pedir a ligação para o Brasil — "fazendo consultas", não quer falar agora porque ainda espera a proclamação oficial dos resultados da eleição e a "recontagem escritural" dos votos.

"Repecho" (ladeira) é a melhor das duas fazendas que Brizola possui em Villa del Carmen. "Repecho" tem 1,5 mil hectares. A outra, "Costa Yi", fica um pouco mais ao norte, banhado pelo rio Yi, e tem também 1,5 mil hectares. Nem somadas elas podem ser consideradas latifúndio no Uruguai. Talvez seu proprietário consiga tornar-se sócio de uma associação rural local, mas dificilmente terá terras suficientes para disputar qualquer cargo de importância na diretoria. O vizinho da direita dos campos de Brizola tem mais de trinta mil hectares. E não é dos grandes proprietários da região, informam no Centro Democrático. Na região, os grandes, os chefes políticos — há mais blancos que colorados — têm normalmente mais de 50 mil hectares.

A casa grande da fazenda tem pouco mais de 100 metros quadrados. Estivesse à beira da praia, seria confundida com a casa de veraneio — não em Búzios, nem em Angra dos Reis ou Ilhabela — de um funcionário médio do Banco do Brasil. Próxima, uma outra casa, bem menor, aparentemente para alojar um ou dois quartos de hóspedes. Fora do cercado que preserva a privacidade de Brizola, há um galpão. Junto a um trator, dois peões tosquiam ovelhas.

Essa é época de tosquia,

e a lã está a 2 dólares o quilo, "metade do que custava no ano passado", informam também no Centro Democrático. Brizola tem no "Repecho" e na "Costa Yi", mil cabeças de gado Hereford e Devon, boas raças de corte. E tinha quase dez mil ovelhas até o ano passado, mas a seca — a maior do século na região, onde não chove há dez meses — matou de 2 mil a 3 mil cabeças, informam também em Villa del Carmen. A falta de chuva emagreceu o gado vacum e atrasou sua venda para abate. Na manhã de sol de 30 graus, as ovelhas e alguns exemplares Hereford aproximam-se da casa de Brizola, para proteger-se à sombra do capão no bosque — que esconde a casa da curiosidade dos passantes da estrada.

O preço das terras para pasto na região varia de 300 a 1.000 dólares o hectare. "Repecho", dizem no Centro Democrático, onde os frequentadores sabem da vida de todo mundo e mostram familiaridade com a moeda americana, deve valer em torno de 700 dólares o hectare. "Costa Yi", com terras menos férteis, custa pouco mais de 300 dólares. Essa última Brizola comprou há pouco tempo, com financiamento de banco uruguaio e pagamento com a lã e a carne produzidas no "Repecho".

SOLIDÃO DO EXÍLIO

Brizola, dos seus dezessete anos de exílio passou oito indo e vindo entre Montevideu e Villa del Carmen. Cuidava então pessoalmente da criação. Quando, expulso do Uruguai, foi refugiar-se nos Estados Unidos e em Portugal, "Repecho" entrou em decadência. "Às vezes, não havia dinheiro nem para pagar os impostos. O capataz Costanzio Lavandera pegava então o trator e ia lavrar terras alheias", informa o dono do restaurante do Centro Democrático, Miguel Muñoz, que vem a ser filho do capataz, o que também explica por que no local se conhece tanto da vida e dos negócios de Brizola.

Sem ninguém por perto com quem trocar opiniões, Brizola volta à solidão do seu exílio. Agora, na fazenda já há um telefone a manivela, mas, antes, existia a esperança de um dia a ditadura acabar e ele voltar presidente do Brasil.